

A ARTE DE CONTAR HISTÓRIAS INFANTIS: PROPICIANDO ENCANTAMENTOS

*Kelli Silva Barbosa
Maria Lígia Rodrigues Santos
Paula Caroline Cardoso*

RESUMO

Contar histórias infantis é proporcionar às crianças e aos educadores possibilidades de fazer diferentes leituras do mundo, podendo criar e imaginar situações que os façam estabelecer relações consigo próprio e com o mundo que os cercam. Dessa forma, o projeto de extensão “A Imaginação e o Lúdico: A Contação de Histórias Infantis” se propôs a oferecer aos professores de educação infantil oportunidades para refletir sobre a sua prática pedagógica e redimensioná-la, exercitando o seu papel de propiciador de encantamentos. Além disso, propôs-se também a contribuir para o fortalecimento, o enriquecimento e a inovação da prática de contar histórias para crianças de 0 a 6 anos de idade, utilizando-se de diferentes recursos didáticos confeccionados pelos próprios profissionais, a partir da busca desses recursos na própria região de Viçosa-MG. Os resultados do trabalho apontam um grande número de crianças, adultos e idosos envolvidos com a atividade de contar histórias infantis na praça, a qual tende a se tornar permanente. O projeto busca criar possibilidades para que os professores participantes do mesmo se tornem multiplicadores de atividades que incentivem a leitura da literatura infantil, visando também incentivar a participação das equipes de estudantes envolvidos com o mesmo, em outros eventos na comunidade.

Palavras chave: histórias infantis, educação infantil, cultura.

ABSTRACT

Telling children stories is to provide to children and teachers conditions to have different points of view of the world, giving help to create and imagine situations to make them get along with themselves and the world surround them. This way the extension project: “The Imagination and the Charm: Telling Children Stories” is to provide to the children and teaching teachers opportunities to reflect about his/her teaching experience and redo it, doing the role of provider of charm. In addition to this, also helps the event gets stranger, more interesting, and renew the practice of telling children stories – 0 to 6 years old using different teaching resources made by the own teachers which materials are recycled. We have in mind to keep the storytelling on. On the project development, we did sequence workshops with theory and practical lessons with all teachers who are involved on each step of the project, that is, on choosing the stories, making the tools and telling the stories in the schools and in the square in Viçosa-MG. The results demonstrate a great number of children, adults, and the elderly. The storytelling became a permanent event, as well as the involved teachers spread the children literature out. Also the group involved on the project has the chance to take part in other events in the community.

Key words : children stories, children teaching, culture.

INTRODUÇÃO

A idéia de desenvolver uma oficina de atividades de contar histórias surgiu do envolvimento da coordenadora do projeto, em cursos de formação de professores de nível médio que atuam na educação infantil, em Viçosa-MG e em outras cidades vizinhas, cursos esses concluídos em julho de 2005. Como instrutora e mantendo contato com professores de diferentes cidades, incluindo Viçosa, a educadora percebeu o interesse deles pela literatura infantil, embora muitos não a incluíssem em seu planejamento de trabalho e apontassem limitações tais como: a falta de livros de história e o não envolvimento desta atividade no planejamento das atividades, entre outras. Associado ao gosto pela narrativa, os educadores envolvidos no projeto reconhecem, também, a importância da atividade para a formação de professores, principalmente daqueles que atuam na Educação Infantil, além de possibilitar a eles um novo olhar sobre a riqueza dos contos para si mesmos e para as crianças. Os professores também se alimentarão de cultura e passarão a interagir com mais um objeto de conhecimento: o livro de história infantil, recurso que será introduzido como atividade permanente, como propõe o “Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil” (1998). Nesta dimensão, a história infantil poderá ser explorada por meio de diferentes recursos didáticos, criando assim, uma nova visão que possibilite que os professores, além de descobrirem novas formas de contar as histórias, criem seus próprios instrumentos didáticos e compartilhem experiências. Contar história é uma atividade que deve fazer parte não somente do currículo da Educação Infantil, mas também do Ensino Fundamental. Deve ser en-

tendida não como uma atividade esporádica para preencher ou passar o tempo, mas como uma atividade permanente, que deve ser desenvolvida todos os dias e para todas as crianças da sala. Deve ser, entre outras, mais uma atividade lúdica para a criança. A arte de contar histórias proporciona à criança possibilidades de fazer diferentes leituras do mundo, podendo criar e imaginar situações que a faça estabelecer relações consigo própria e com o mundo que a cerca. Além disso, a história infantil proporciona o desenvolvimento da criatividade, possibilitando também o desenvolvimento da autoestima e confiança da criança, o que afeta o seu pleno restabelecimento como mostram alguns trabalhos que salientam o seu uso terapêutico para favorecer a recuperação de crianças hospitalizadas ou não. A história é muito mais do que um instrumento terapêutico. Na verdade, é uma poderosa forma de influenciar indiretamente o clima da sala de aula, pois amplia o leque de possibilidades do brincar e, conseqüentemente, o conhecimento cultural das crianças e dos professores (HISLAM, 2006, apud MOYLES et. al., 2006). Esse mundo imaginário pode influenciar o seu desempenho em diferentes atividades de arte visual, musical e dramática, entre outras. Trabalhos de pesquisa como os de Oliveira (1998), Ferreira (2005) e Marquezan (2005) reafirmam a importância da história infantil para o desenvolvimento e a aprendizagem da criança, principalmente nos aspectos cognitivos, especificamente no campo da linguagem oral e escrita, mas também nos afetivos e socioculturais. A atividade de contar história se torna, também, um instrumento importante para facilitar as interações entre as crianças, visto que durante o relato e os comentários, elas desenvolvem a fala, a capacidade de se expressar e de ouvir o outro etc.

Para além de tudo isso, é necessário que o contar histórias contribua, realmente, para o encantamento da criança.

Mas como isso se pode dar?

Nesse sentido é preciso que o educador, antes de tudo, se encante, ou seja, se envolva na história, de forma a contagiar as crianças, sem perder o fio da meada ou chamar mais atenção para si do que para o conto. Deve expressar sentimentos e emoções, movimentar-se, interagindo com os ouvintes. Essa é uma atividade que deve ser prazerosa para todos e possibilitar às crianças o desenvolvimento da imaginação e da criação.

Por isso, esse projeto teve como propósito propiciar momentos de alegria e felicidade, criando um mundo novo que se abre ao professor da Educação Infantil. Ou seja, ele quer ser mais uma oportunidade de reflexão do professor sobre a sua prática pedagógica, buscando de redimensioná-la. Nessa condição, ele, por meio da narração de histórias infantis e a partir da utilização de diferentes recursos didáticos, poderá exercitar melhor o seu papel de propiciador de encantamentos para que a criança possa expandir o seu mundo, dando a ele um significado novo.

Assim, no desenvolvimento desta proposta, os professores puderam, por meio dos conhecimentos adquiridos em sua formação e pela experiência adquirida ao longo de sua prática na Educação Infantil, desenvolver-se através desse recurso literário, além de se aprimorar profissionalmente. Dessa forma, articulou-se a extensão, o ensino e a pesquisa, proporcionando, não somente oportunidades de integração das diferentes áreas do conhecimento aos professores, como também possibilitou aos estudantes, a experiência rica de relacionar teoria e prática, de pes-

quisar e de construir conhecimentos que puderam ultrapassar os limites das quatro pilas da UFV e atingir a comunidade viçosense, numa relação de troca e de reconstrução de saberes.

Assim, a oficina de atividades de contar de histórias teve como objetivo geral:

- Contribuir para o fortalecimento, o enriquecimento e a inovação da prática de contar histórias para crianças de 0 a 6 anos de idade, utilizando diferentes recursos didáticos confeccionados pelos próprios profissionais, buscando a reutilização de material descartável.

Foram estabelecidos também os seguintes objetivos específicos:

- Propiciar aos professores subsídios teóricos e práticos para descobrir a arte de contar histórias;
- Oferecer condições para os professores confeccionarem material didático para contar histórias, usando diferentes recursos didáticos e não somente o livro;
- Proporcionar aos estudantes de graduação em Educação Infantil e áreas afins um espaço onde possam desenvolver ações, integrando extensão, ensino e pesquisa, visando a melhoria de sua formação acadêmica.

REFERENCIAL TEÓRICO

PERCURSO HISTÓRICO DA LITERATURA INFANTIL

A história da literatura infantil começa a se delinear nos primórdios do século XVIII, período em que a

criança passou a ser vista como um ser diferente do adulto, com necessidades e características próprias. Sendo assim, a criança teria que se distanciar da vida dos adultos e receber uma educação especial que a preparasse para a vida adulta.

De acordo com Carvalho (1989), a rotura da tradição oral, na sociedade burguesa, dissolveu os grupos que, indiscriminadamente, se reuniam, nas sociedades feudais e patriarcais, para ouvir os contadores. Assim se estabeleceu o hábito de ler, individualmente ou para grupos distintos: para adultos e para crianças, começando-se então a levar em consideração a adequação dos textos destinados às crianças.

Antes, como a criança acompanhava a vida social do adulto, acabava participando também de suas atividades com literatura. No entanto, de acordo com Cunha (2003), a literatura a que as crianças tinham acesso se diferenciava de acordo com a classe na qual elas estivessem inseridas. Para as crianças nobres, os grandes clássicos, para as crianças pobres as lendas e contos folclóricos como parte da literatura de cordel.

A busca por uma literatura mais adequada para a infância delineou duas tendências: as adaptações dos clássicos e a apropriação dos contos de fadas que antes não eram voltados para as crianças.

Autores como Perrault e os irmãos Grimm foram colecionadores das histórias folclóricas e estão ligados à gênese da literatura infantil. Aos poucos foram surgindo diversas propostas de obras literárias infantis. É possível apontar, entre outros autores, alguns nomes importantes como Andersen, Carlo Collodi, Amicis, Lewis Carroll, J. M. Barrie, Mark Twain, Charles Dickens e Ferenc Molnar.

Já no Brasil, a literatura infantil se iniciou com obras pedagógicas e adap-

tações de produções portuguesas. Segundo Zilberman (2005), no começo, a literatura infantil brasileira se alimentava de obras destinadas a outros fins: aos leitores adultos, gerando as adaptações; aos ouvintes das narrativas transmitidas oralmente que se convertem nos contos para crianças; ou ao público de outros países, determinando, nesse caso, traduções para a língua portuguesa. Além das obras destinadas à escola. Cunha (2003) afirma que a fase embrionária da literatura infantil brasileira é representada, especialmente, por Carlos Jansen (Contos seletos das mil e uma noites, Robinson Crusó e As viagens de Gulliver a terras desconhecidas), Figueiredo Pimentel (Contos da carochinha), Coelho Neto e Olavo Bilac (Contos pátrios) e Tales de Andrade (Saudade), sendo Monteiro Lobato um dos maiores representantes da literatura infantil no Brasil. Ele possui uma obra com diferentes gêneros e orientações, mas centralizada em alguns personagens.

PARA QUE CONTAR HISTÓRIAS INFANTIS?

A criança de zero a seis anos de idade está descobrindo o mundo, ao mesmo tempo em que se descobre e descobre o outro por meio das experimentações que tem possibilidade de realizar. Ela se utiliza de experiências para construir seu conhecimento, tornando-se um ser ativo no seu próprio processo de desenvolvimento e aprendizagem. Para isso é preciso que lhe possibilite experimentações de forma lúdica, lançado mão de jogos, brincadeiras e literatura. Assim, a criança se diverte e se motiva para a ação.

Muitos educadores menosprezam as atividades relacionadas com a literatura na Educação Infantil, por pensarem no livro e na leitura como as únicas alternativas. Esses profissionais se perguntam:

– Como utilizar a literatura, se as crianças não leem e nem escrevem como os adultos?

Porém, eles se esquecem de que o primeiro contato que a criança tem com o texto se dá por meio da oralidade: histórias contadas pelos pais, tios, avós, que podem ser de livros, inventadas ou até mesmo, histórias de sua própria vida.

Ao ouvir uma história interessante, a criança começa, quase que imediatamente, a imaginá-la, tornando-se um expectador ou participante ativo desse momento prazeroso. Por meio das histórias contadas, é possível estimular sua imaginação e criatividade, até que ela possa usá-las como nós as usamos. Imaginando e criando, a criança terá a possibilidade de conhecer diferentes lugares, tempos e formas de agir e viver, além de satisfazer diversas curiosidades que tem sobre o mundo e desenvolver relações interpessoais, por meio do uso das informações obtidas nas histórias ouvidas e lidas.

De acordo com Cunha (2003), em vez de propiciar, sobretudo repouso e alienação (daí a massificação), como ocorre com formas passivas de lazer, a leitura exige um grau maior de consciência e atenção, uma participação ativa do leitor, ou seja, da criança.

Por meio da imaginação, a criança vai se envolvendo com a história contada e experimentando, também, diversas emoções como tristeza, raiva, medo, bem estar, alegria. Algumas dessas emoções podem se mostrar inteiramente novas para a criança e é as experimentando que se aprende a lidar cada vez melhor com cada uma delas. Esse envolvimento da criança pode fazer com que ela se identifique

com os conflitos dos personagens, o que esclarece melhor algumas de suas dificuldades, ajuda-a a encontrar um caminho para a resolução desses conflitos.

Envolver-se com a história se torna prazeroso não somente para a criança, mas também para o educador, seja pela escolha do livro, pela maneira escolhida de contar a história, pelos recursos utilizados, ou seja, ainda, pelas características próprias do leitor. Seu interesse aumenta também pela fonte de onde são obtidas essas histórias. Por isso, não é exagero dizer que a atividade de contar histórias é muito importante para a formação do futuro leitor. É quem pode transformá-lo em alguém capaz não só de ler livros, mas também de ler o mundo.

Isto significa que a gente faz a festa é com uma boa e bem contada história, a qual poderá, mais tarde, fazer delícias de um futuro leitor. É o que afirma Machado (2002).

A arte de contar histórias é algo que ultrapassa os limites da recreação e do entretenimento para a criança. Trata-se de uma aprendizagem tão importante e rica como qualquer outra. Por isso merece ter seu espaço determinado e valorizado nas instituições de Educação Infantil, tornando-se uma atividade permanente.

Ao contar uma história para a criança, não se pode fazer isso de qualquer jeito, pegando o primeiro instrumento que se vê na frente. Para isso é importante selecionar adequadamente a história.

De acordo com Coelho (2004), é necessário fazer uma seleção inicial, levando em conta, entre outros, os seguintes fatores: o ponto de vista literário, o interesse do ouvinte, a sua faixa etária e suas condições socioeconômicas.

O educador deve respeitar o nível de desenvolvimento da criança, além de escolher títulos interessantes, com

bons textos e ilustrações. É interessante apresentar para as crianças os vários tipos de textos: contos de fadas, gibis, matérias de jornais e revistas, poemas e poesias, trava-línguas, rimas, literaturas de cordel, textos publicitários, dentre outros.

O educador deve preparar atentamente a história antes de a lê-la ou de contá-la, pois assim ele se sentirá seguro para usar da expressão corporal e da voz. Para evitar também o constrangimento de ficar escandalizado com uma determinada mensagem ou palavra, ou mostrar que não percebeu o jeito como o autor construiu suas frases, perdendo assim o sentido da história. É possível aguçar a curiosidade das crianças antes de começar a contar uma história, dizendo o nome do autor ou dando dicas objetivas e claras a respeito do assunto. Deve-se propiciar um clima tranquilo, despertando o interesse delas e facilitando a sua concentração. Para isso, é importante que o local escolhido para essa atividade seja aconchegante e convidativo, de forma que elas se sintam à vontade. No entanto, isso não impede que se realize esta atividade em outros lugares como embaixo de uma árvore, no parque, na biblioteca, ou onde o educador e as crianças escolherem. Mas, não basta somente se atentar para esses aspectos, o educador deve gostar da história e se envolver com ela, de forma a contagiar, também, as crianças. O tom de voz deve ser agradável e adequado ao enredo da história, o leitor deve sussurrar quando a personagem fala baixinho, levantar a voz quando uma algazarra acontece e usar com humor os sons onomatopéicos, os ruídos e os espantos. O educador pode acrescentar detalhes à história, mas sem alterar o seu enredo. Além disso, não deve privar a criança de conhecimentos novos, devendo se ater aos fatos e palavras, assim como se encon-

tram no texto. O desfecho da história pode ser dado de diferentes formas como: “e assim acabou a história” ou, o contador, olhando bem nos olhos das crianças, diz: “fim”. Após isso, o contador deve conversar com o grupo sobre o que mais chamou atenção dos ouvintes, fazendo comentários como: se você fosse o papai urso o que faria? Juliana teve medo da tempestade? E você, do que tem medo? Durante a leitura de uma história não é necessário nenhum tipo de recurso, a não ser um bom livro e a voz do leitor. No entanto, na atividade de contra a história, é permitido lançar mão de recursos para torná-la mais interessante e convidativa, mas sem exageros. A utilização de objetos pode ajudar a criança a imaginar e a construir a narrativa. Xale, chapéu, óculos podem ser suficientes. Podem ser utilizados também fantoches (de vara, de mão, de dedo), sucatas, sons, o próprio corpo e o que mais a imaginação do educador criar. Ouvir histórias é poder sorrir, suscitar o imaginário, ter curiosidade respondida em relação a tantas perguntas, encontrar idéias para solucionar questões, além de ser uma possibilidade de descobrir o mundo em que vivemos.

Contar histórias é uma arte. Deve dar prazer a quem conta e ao ouvinte. As histórias têm finalidade em si. Contadas ou lidas, devem constituir sempre uma fonte de alegria e encantamento.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

De acordo com seus objetivos, este projeto de extensão denominado “A Imaginação e o Lúdico: A Contação de Histórias Infantis” foi desenvolvido

por meio de oficina que contou a participação de professores que atuam na Educação Infantil na rede pública do município de Viçosa-MG.

Para atender às necessidades e aos interesses dos participantes, essa oficina foi desenvolvida aos sábados, por meio de aulas teóricas e práticas, em módulos presenciais, semipresenciais e não presenciais com uma carga horária de 36 horas.

A demanda inicial foi de 45 professores, mas somente 17 compareceram ao local, o que surpreendeu até mesmo a coordenadora da Educação Infantil do município. No entanto, o número de vagas oferecido foi para 20 participantes, devido à metodologia usada.

A oficina foi desenvolvida por meio de diferentes estratégias metodológicas, como aula expositiva, dinâmicas e trabalhos em grupo, confecção de material didático para narrar a história de diferentes formas e a própria narração que se deu na sala onde a professora leciona, além da atividade de contar histórias na praça Silviano Brandão, de Viçosa-MG.

O desenvolvimento dessa atividade na praça, que foi realizada pelos professores e pela equipe de estudantes, foi divulgada por meio da mídia e contou com a parceria da Livraria Nobel e da Editora UFV que doaram livros infantis, os quais foram sorteados durante o evento. Além disso, contou com a parceria da Secretaria de Cultura da prefeitura municipal de Viçosa que colaborou com o som, pois seria impossível esse evento ocorrer sem o uso de microfones sem fio.

O material didático foi confeccionado pelos próprios professores, sendo o material necessário à produção (cola, tinta, entre outros) adquirido com recursos mínimos fornecidos pelo Departamento de Economia Doméstica da UFV. Para minimizar os custos foram reutilizados objetos que

normalmente são descartados pela população, como retalhos de tecidos, retalhos de papel, papelão etc.

Para a implementação do projeto foi constituída uma equipe de professores e estudantes do curso de graduação em Educação Infantil. Nesse sentido, os estudantes puderam relacionar teoria e prática, na medida em que estiveram participando do planejamento e desenvolvimento das atividades e das discussões e reflexões, que ocorriam em reuniões periódicas, tiveram ainda a oportunidade de produzirem o material didático para o desenvolvimento das aulas que certamente contribuiu para o seu desenvolvimento pessoal e profissional.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao trabalhar com confecção de material didático para a instrumentalização dos professores no que diz respeito à arte de contar histórias, reutilizando materiais que normalmente são descartados pela população da cidade de Viçosa, colaboramos para a melhoria da educação ambiental e a formação consciente do cidadão, bem como para a construção de uma nação mais justa, assumindo nossa parte da responsabilidade que é de todos: o combate ao lixo. Essa tem sido, segundo Maria (2006), a iniciativa de muitos profissionais, que envolvem nos projetos: crianças, pais e a comunidade, em defesa não somente da Educação Infantil, mas também da educação ambiental.

Essa foi uma preocupação do grupo e dos profissionais envolvidos, pois por meio do uso de retalhos de papéis diferentes, tecidos e roupas em desuso, pode-se confeccionar histórias com o uso de fichas, flanelógrafo, fantoches etc., o que trouxe gran-

de entusiasmo para os participantes, que viram o resultado de suas obras serem apreciados pelas crianças e pelos adultos (pais, avós e demais pessoas da comunidade).

Outro resultado alcançado pelo projeto foi o atendimento de grande número de crianças nas instituições de Educação Infantil, por meio da realização da atividade em suas próprias escolas, além daquelas que participaram da mesma atividade na praça. Não é possível dimensionar esse número com precisão, pois na praça, por exemplo, as pessoas iam e vinham. O curioso é que além das crianças, participavam do evento desenvolvido na praça, adultos e idosos.

A atividade de contar histórias ocorreu também em Souzel-PA, por meio da participação da bolsista responsável Kelli Barbosa Silva no projeto Rondon, embora isso não fosse objetivo do projeto. Mas diante da solicitação do município, a oficina de contos de histórias foi desenvolvida juntamente com a participação de estudantes da USP, baseando-se na experiência da UFV.

Um excelente resultado foi o fato da experiência de contar histórias na praça ter se tornado uma atividade independente do projeto, passando a ocorrer uma vez ao mês e não somente durante o desenvolvimento do módulo não presencial.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Podemos considerar que os objetivos desse projeto serão gradativamente alcançados, à medida que professores e comunidade se conscientizarem de que esse tipo de atividade é importante não somente porque facilita o desenvolvimento e a aprendizagem das crianças, mas, também, porque desperta nelas o prazer de ouvir histórias contadas com o uso

de diferentes recursos didáticos como fantoches, flanelógrafos, TV, gravuras etc. Além disso, ela é essencial, principalmente por encantar os educadores, tocando sua sensibilidade e desenvolvendo neles o gosto pela narrativa.

As atividades da oficina tiveram excelente repercussão na comunidade, tanto no oferecimento da oficina para os professores da Educação Infantil quanto das atividades de contar histórias na praça. A equipe recebeu elogios de pessoas da comunidade (pais, avós e outros) pela iniciativa, visto que ela contribuiu para a melhoria da educação no município, sendo convidada para desenvolvê-la, também, em outros eventos. A cada evento de contar de histórias na praça, aumentava a participação da comunidade representada por crianças, famílias, entre outros, que demonstravam seu grande interesse por meio de aplausos e elogios, além da expressão de felicidade e do envolvimento das crianças. Os professores participantes demonstraram boa aceitação à oficina e interesse em continuar as atividades, contribuindo assim para tornar a atividade de contar histórias infantis permanente, incluindo-a no currículo da Educação Infantil. Esse é um processo que, também, depende do incentivo dos dirigentes municipais em investir na literatura infantil, adquirindo livros para as instituições.

Especificamente, os impactos alcançados com esse projeto se darão ao longo do tempo, pois envolvem transformações sociais e culturais. No entanto, de acordo com as discussões e reflexões desenvolvidas na oficina, vemos grandes possibilidades de inserção da atividade de contar histórias infantis no currículo da Educação Infantil de cada uma das instituições representadas, mas como uma atividade permanente e não desenvolvida esporadicamente, apenas para

preencher ou passar o tempo. Tal inserção, certamente contribuirá para o desenvolvimento da cidadania, por meio de sua prática nas escolas e na praça, pois assim envolverá a comunidade escolar e a viçosense, sendo essa segunda, representada por crianças, pais, avós, entre outros. Mais ainda, a medida contribuirá para a melhoria da educação e da qualidade de vida da população; para a promoção da integração da família e para a interação e integração entre professores e estudantes e a comunidade. Entendemos ainda que a atividade de contar histórias infantis possibilitará também os seguintes resultados: efetiva troca de experiências ricas de diálogos, que poderá repercutir, de forma positiva, na educação das crianças; aumento do número de crianças e de outros participantes na atividade, a partir do envolvimento dos professores, da divulgação e do crescente interesse da comunidade; aumento no acervo de obras de histórias infantis nas instituições representadas pelos professores participantes, uma vez que as histórias confeccionadas ficam para essas instituições educacionais; e, inclusão de outras crianças de diferentes idades, portadoras de necessidades especiais ou não, na atividade de contar histórias na praça, posto que o projeto abre possibilidades de participação para todas as crianças. O que avaliza essas nossas crenças é a constatação de que o interesse não se dá somente por parte das crianças, mas também por parte de adultos de diferentes idades, que se divertem e sorriem, tornando esse momento cheio de prazer e alegria. As estudantes envolvidas no projeto tiveram a oportunidade de relacionar teoria e prática, na medida em que participaram do planejamento e do desenvolvimento das atividades, de discussões e reflexões que certamente contribuíram para o de-

envolvimento pessoal e profissional. Além disso, professores e estudantes puderam desenvolver instrumentos metodológicos e buscar alternativas de transformação da realidade, o que contribuiu para a construção de conhecimentos inerentes à prática de contar histórias e para a melhoria de sua própria formação profissional, ampliando assim o alcance do projeto para a comunidade escolar e viçosense.

Temos perspectivas de que a oficina de contar histórias infantis possa ser replicada para municípios vizinhos, pois o projeto foi novamente aprovado pela Pró-reitoria de Extensão e Cultura. Além disso, será dada continuidade às suas atividades realizadas na Praça Silviano Brandão, em Viçosa-MG, em caráter permanente.

NOTA

Colaboradoras participantes da equipe, em 2008:

Bethânia de Assis Costa, graduada em Educação Infantil, UFV;
Dayse Cristina Silva Oliveira, graduanda em Educação Infantil, UFV;
Keila Cristina Sousa Barbosa, graduada em Educação Infantil, UFV;
Lígia B. Silveira, graduada em Educação Infantil, UFV;
Nataly do Rosário Ferreira, graduada em Educação Infantil, UFV;
Olga Maria de Araújo Soares, graduada em Educação Infantil, UFV;
Simone Mendes Martins, graduada em Educação Infantil, UFV.

REFERÊNCIAS

CARVALHO, Bárbara Vasconcelos de. *A Literatura Infantil. Visão Histórica e Crítica*. 6ª edição. São Paulo: Global Universitária, 1989.

COELHO, Betty. *Contar Histórias: uma arte sem idade*. São Paulo: Ática, 1991.

CUNHA, Maria Antonieta Antunes. *Literatura Infantil - Teoria e Prática*. São Paulo: Ática, 2003. 175 p.

HISLAM, Jane. Experiências do brincar diferenciadas pelo sexo e pelas escolhas das crianças. In: MOYLES, Jane et. al. *A excelência do brincar*. Porto Alegre: ARTMED, 2006. p. 50-62.

MACHADO, Ana Maria. *Como e por que ler os clássicos universais desde cedo*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.

MARIA, Kelli. C. de O. A responsabilidade de combate ao lixo. *Pátio Educação Infantil*. Porto Alegre: Artmed, v. 4, n. 10, p. 18-20, mar/jun2006.

ZILBERMAN, Regina. *A literatura infantil brasileira – Como e por que ler?* Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.

Kelli Silva Barbosa é graduada em Educação Infantil na Universidade Federal de Viçosa (UFV) e bolsista Pibex e integrante da equipe do projeto (2008).

Maria Lígia Rodrigues Santos é professora assistente do Departamento de Economia Doméstica da Universidade Federal de Viçosa (DED/UFV) e coordenadora do projeto.

Paula Caroline Cardoso é graduanda em Educação Infantil na Universidade Federal de Viçosa (UFV) e bolsista Pibex, integrante do projeto.